

6 Conclusão

Murilo Mendes, ao construir uma poesia eclética temática e formalmente, faz parte da geração de poetas de fino trato do Modernismo, responsáveis por vestir a literatura brasileira de um brilho nacional e dar-lhe o *status* de arte livre. Leitor compulsivo, Murilo lia tudo que via à sua frente, pois, desde cedo, Belmiro Braga, “padrinho de batismo literário” (IS, p. 911), deixou ao seu dispor a biblioteca particular, onde teve acesso a diversos escritores. Além disso, coube ao primo Nelson transmitir-lhe o vírus da literatura, “grande dama muito exigente (IS, p. 926)” ao lhe dar explicações sobre seus autores prediletos. Nasceu para ser poeta rejeitando a ideia de qualquer trabalho que não fosse o labor poético, postura que Murilo ratifica no verso do poema “Manhã” (QE, p. 277) “Sou poeta irrevogavelmente”.

Sua lírica nos revela novas perspectivas artísticas orientadas por concepções estéticas e filosóficas que primam pela ruptura e pela conciliação de contrários. Com uma preocupação constante em renovar a visão geral do mundo dominante, aglutina em seus versos amor, sensualidade, erotismo e religiosidade.

Em sua produção literária constatamos a existência do erotismo subjetivo, coletivo e místico, os quais marcam a poesia de Murilo Mendes, o que muda é a extensão do olhar do poeta que ora se centra no sujeito, ora no universo.

Em todos eles, a mulher é a grande vilã das peripécias eróticas. Com a feminilidade à flor da pele, permite ao poeta, num jogo sensual, articular as mais variadas formas de prazer.

Observamos que o erotismo presente em seus textos se estende desde a exposição de partes do corpo da mulher capazes de despertar no homem o desejo, até o amor aos semelhantes como meio de redenção dos oprimidos, em que se inclui também a mulher. Nesse caso, o poeta busca um amor maior, desprovido das tentações carnis. De caráter espiritual, só é possível encontrá-lo em Cristo.

De olhar atento, o poeta nos brinda com situações eróticas consequentes das configurações anatômicas da mulher, que exhibe seus peitos e ancas firmes como atributos da sedução feminina e participa com forte apelo sensual e erótico do seu exercício poético e das suas fantasias.

Um *voyeur* precoce, afeito a bolinagem, o poeta privilegia o corpo feminino como materialização do desejo, experimenta um erotismo devasso. Acompanham-no nesse erotismo mulheres tentadoras e fatais como, Cláudia, Lili, Teresa, Julieta, Carmem, Adelaide, Abigail, D. Coló. Calorosas e ardentes, exibem seus corpos, seus atributos sensuais, fetiches e poderes de sedução inebriando a alma do poeta, que se deixava levar pelos desejos e encantos delas. Os encontros eróticos se estendem às profissionais do sexo, como Ipólita e Desdêmona, cujos sexos plantados nas ruas satisfazem os prazeres dos homens.

Jandira, mulher fatal que aos poucos expõe seu corpo fragmentado, é capaz de integrar e desintegrar o universo, pois o mundo começa pelos seus seios. Maternal, sensual, erótica, diabólica, a um só tempo acolhe os homens com seu poder de sedução e os leva à ruína. Por isso, talvez possa sintetizar essa galeria de mulheres.

Essa erótica do feminino na poesia de Murilo Mendes registra as transformações por que passa a mulher, a começar pelas adolescentes de seios palpítantes e perturbadores, que percebem as mutações dos seus corpos, afeitos a sensações de amor até as que degradam o corpo em virtude da reprodução, tida por muitos como a função primordial do casamento.

Perceptível a partir de *Poemas*, seu primeiro livro, a metamorfose da mulher se desdobra em numerosas imagens e formas, constituindo-se em “epifanias poéticas”, resultantes do imaginário onírico do poeta, que constrói mulheres erotizadas com perfis surrealistas.

Por não dominar a mulher, torna-se senhor da palavra, sua grande fêmea, corpo erótico verbal criado por meio de sua manipulação e articulação da linguagem. A palavra e a poesia se revelam como mulher capaz de obedecer aos caprichos do poeta e ser a solução definitiva para seu prazer.

Há momentos em que se mostra pessimista em relação ao amor e à mulher. Oscila entre querê-los ou não. Sente-se incapaz de amar as mulheres desprovidas de atributos sexuais. Tudo isso revela as alterações de foco da poesia de Murilo Mendes e faz com que a negatividade impere em alguns poemas que têm como tema a desilusão, o sofrimento, a guerra e a morte, a qual se configura como a grande dama ou o resultado de grandes paixões que inspiram estado de violência.

Sem perder de vista a mulher, o erotismo ganha ares solidários, numa contemplação erótica do mundo, ao revestir o amor de caráter universal em prol

dos semelhantes, da cultura de outros países, dos artistas, dos oprimidos, dos órfãos da guerra. Mas isso não contém o seu desejo de dominar a mulher tal como a marionete de Palermo ou de amar qualquer outra.

Com o tempo percebemos que o erotismo vai se dispersando e caminha sereno em busca de um amor espiritual. São mudanças advindas do conhecimento e da experiência do poeta diante da vida e das transformações operadas num mundo de quem sobreviveu a duas grandes guerras.

As marcas do tempo não abateram o poeta, para quem “Tudo começa de novo e existe para sempre” (MET, p. 328). Os dilemas e os conflitos em relação ao amor e às preocupações sociais permanecem, talvez de forma mais amena, caminho para o erotismo que se concentra no amor solidário pelas pessoas e no amor espiritual, ou seja, místico. São poemas dedicados à mulher, vista de uma perspectiva que transcende espaço e tempo e decantada em tons ora sociais ora místicos, numa evidente preocupação com suas angústias, sofrimentos e com seu inesgotável poder. Entre as que figuram nessa visão mística, relembramos Eva, a Virgem Maria, a Esposa misteriosa, Sulamita, Marta e Berenice, musa maior.

O catolicismo está consignado em sua obra como o grande legado deixado pelo pai que o educou na religião católica e pelo padre Júlio Maria, “o anunciador do catolicismo como força violenta destinada a submeter a nossa tranquilidade e as próprias bases do mundo físico; o *speaker* do Apocalipse” (IS, p. 913).

Podemos dizer que na poesia de Murilo Mendes está presente a religiosidade erótica, que muitas vezes se manifesta em atitudes consideradas profanas, por tratar com irreverência figuras sagradas, por questionar a Deus, por inserir cenas eróticas em episódios religiosos e até mesmo por valorizar e dignificar a mulher, que tem uma presença e uma função menores no cristianismo católico. Daí encontrarmos poemas de inspiração bíblica, nos quais se entrelaçam o sagrado e o profano atuando como linhas de força.

A poesia de Murilo Mendes consubstancia por vezes mais de um tema. Em um mesmo poema, coabitam temas como o amor, a solidão, a religiosidade, a solidariedade e o erotismo, sendo que este último se encontra disseminado em seus versos mulherengos aqui e acolá. Uma espécie de gotas de prazer que permitem ao leitor, num deleite libidinoso, vivenciar o micro e o macrocosmo eróticos de sua poesia, sem, contudo, ser pornográfico, pois não prima pelos

aspectos obscenos que circulam no ambiente social como motivador da excitação sexual.

Não faltaram ao poeta atitudes carregadas de intenção política e de protesto, marca da teatralidade em sua vida, confirmada definitivamente quando anseia pelo fim do mundo: “Eu existo para assistir ao fim do mundo. / Não há outro espetáculo que me invoque [...]. Eu existo para a visão beatífica” (MET, p. 328-9). São versos que causam escândalo, mas ajudam a desvendar o caráter muitas vezes dramático e teatral da existência. A esse espetáculo sinistro o poeta chama de “visão beatífica”.

Assim é que nos parecem muito apropriados e elucidativos estes versos de Drummond: “O poeta elabora sua personagem, / nela passa a viver como em casa natal”. E arremata: “Criador manipulador participante / do espetáculo / ele próprio é o espetáculo em seus belos dias” (IG, p. 63-4).

Poética sonhadora, o Surrealismo é uma das matrizes de sua obra literária, fruto do jogo de imagens e formas com forte apelo social, político, religioso e erótico. O interesse de Murilo Mendes pela vanguarda surrealista advém das múltiplas possibilidades de invenções artísticas que o movimento possibilita tanto nas artes plásticas quanto na literatura, uma metamorfose.

Um Surrealismo genuinamente brasileiro, consequência da turbulência tensional e intencional que marca o fluxo de sua obra poética e é fundamental no exercício alucinatório do poeta, em cuja obra predomina o jogo das imagens, a visualidade: as imagens ganham força expressiva, quase absoluta. E o próprio poeta confessou a sua curiosidade inextinguível pelas formas, o prazer e a sabedoria de ver, contemplar – “Ver coisas, ver pessoas na sua diversidade, ver, rever, ver, rever. O olho armado me dava e continua a me dar força para a vida” (IS, p. 974).

Com uma poesia que foge ao senso comum e busca incessantemente a experimentação, Murilo propõe transformar o real e aperfeiçoar sua fértil produção literária. Isso lhe possibilitou com elegância aglutinar, nessa movimentação cósmica, os discursos social e político, erótico e religioso contundentes, que perpassam sua arte poética.

Sua poesia encena o drama do poeta, talvez um drama arquetípico, órfico, prometico, messiânico, fortemente inspirado na Paixão de Cristo. Fazem parte do programa poético messiânico de Murilo Mendes o mistério e a redenção. O poeta

sente-se fatigado diante da “bagunça transcendente” (PO, p. 117), deseja transgredir a ordem injusta e pretende anunciar uma nova ordem.

Em “Resposta ao questionário de Proust” (IG, p. 51-2), Murilo informa que o seu ideal de felicidade terrestre seria “Ver progredir a fraternidade entre os homens”, que os seus heróis da vida real são aqueles “que cumprem os ofícios mais humildes; os que trabalham no fundo das minas”. À pergunta sobre o que mais detesta no homem, afirma: “O servilismo e a incapacidade de indignar-se” e completa: “Tiranos, inquisidores, absolutistas, cristãos servos do poder temporal”, são os caracteres históricos que mais abomina. Quanto às qualidades que admira na mulher, responde: “A feminilidade. A feminilidade. A feminilidade”.

Admirador da feminilidade da mulher e fanático por ela, a sensualidade erótica em seus textos é marcada pelo humor, ironia, deboche e pela presença constante de certo espírito travesso, jocoso, quixotesco, que se manifesta nas peraltices temáticas e formais e nas façanhas imaginárias do poeta.

Detectamos a presença de um espírito brincante, carnavalesco, apesar da seriedade reinante. A ininterrupta criatividade apresenta-se muitas vezes como um brincar, um brincar malicioso de uma criança divina, talvez do menino Eros. Um brincar que nos lembra as peraltices, as travessuras maliciosas, a molecagem, a sacanagem, o mexemexendo do extraordinário personagem Macunaíma, amante atraente e vigorosa fonte de prazer, que é muito contraditório nos versos eróticos do poeta, desde as travessuras vocabulares, formais, tão gozosas e safadinhas em seu erotismo brincante até o conteúdo propriamente erótico: “As nádegas na adega de quem são?” (CON, p. 649); “As an-dorinhas: na minha infância houve uma Dorinha quase sem peitos, mas cheirava bem” (CON, p. 735). Aliás, foi o próprio poeta quem confessou, em “Microdefinição do autor (A)”, que julgava “os textos tão importantes como os testículos” (IG, p. 45).

Ser brincante e festeiro implica relação social, generosidade, alegria, fraternidade, conagração. Imitação do reino de Deus, do mundo dos deuses, que é feito de alegria, prazer. Relembremos que o Jardim do Éden é um jardim de prazeres e delícias que se constitui no arquétipo de todas as utopias e fantasias sexuais e sociais, da república platônica ao imaginário socialista e comunista, passando pelo Reino de Deus, prometido principalmente por Jesus Cristo, de quem o poeta é um crente fervoroso e de cuja mensagem pretende ser um

seguidor. Seu ideário religioso não destoa de sua opção política e de sua atuação social.

Com isso, o poeta da modernidade de olhar atento diante do mundo investe na sua missão messiânica, crística, erótica, orgiástica e pretende uma literatura que seja universal, para com ela exercer seu veio dramático e participar da encenação do universo. Não é à toa que diz “O espírito da poesia me arrebatou” (PP, p. 285).